

VISÃO DO CORREIO

O freio de mão da economia

A decisão unânime do Copom de reduzir a taxa básica de juros em 0,25 ponto percentual, fixando a Selic em 14,25% ao ano, confirmou as expectativas do mercado, mas frustrou a urgência da economia real. É o terceiro corte consecutivo, um movimento que sinaliza a direção correta, mas que ainda peca pelo excesso de cautela. Os dados do IBC-Br evidenciam o descompasso: com alta de 0,5% em abril e avanço de 1,6% em 12 meses, os números revelam um país tentando acelerar com o freio de mão puxado.

O próprio Banco Central (BC) reconhece a aceleração da atividade no primeiro trimestre, com setores cíclicos retomando protagonismo e o mercado de trabalho emitindo sinais robustos. Ainda assim, o custo do dinheiro em patamares elevados atua como âncora sobre o setor produtivo. Sem expansão do crédito, empresas adiam investimentos, a geração de empregos formais encontra um teto artificial e o cidadão vê sua renda asfixiada por despesas financeiras. O Brasil não pode se contentar com o mero afastamento da estagnação técnica. Um crescimento tão brando não dá conta da demanda social do país, tampouco atrai o volume de capital necessário para o desenvolvimento de longo prazo.

A parcimônia do Copom ancora-se em justificativas conhecidas: inflação que ainda pressiona o limite superior da meta e volatilidade do cenário externo. São

preocupações legítimas. O problema é quando a estabilidade geopolítica conjuntural, como o recente alívio trazido pelo anúncio do acordo entre Estados Unidos e Irã, é tratada como condição necessária para agir, em vez de ser aproveitada como janela para um corte mais ousado. Em ciclos passados, o conservadorismo excessivo do BC já cobrou seu preço, estrangulando retomadas e penalizando os setores mais vulneráveis da economia.

Esperar por um alinhamento perfeito na geopolítica ou por um horizonte inflacionário sem sobressaltos é apostar em uma miragem. A economia real, que lida com fluxo de caixa diário e folhas de pagamento, não tem o luxo de aguardar o cenário ideal. Ao dosar o remédio monetário com tamanho zelo, o Banco Central converte prudência em amarra, ampliando o custo de oportunidade de uma nação que perde janelas para crescer.

Responsabilidade fiscal e monetária é um pilar inegociável. Não deve ser confundida, porém, com inércia diante de um país que sangra por capital de giro. O corte recém-anunciado soa como alívio burocrático frente a lacunas estruturais urgentes. Na próxima reunião, o Banco Central precisa demonstrar sensibilidade pragmática diante da paralisia do crédito e adotar uma postura mais ousada. Manter o freio de mão puxado pelo medo de solavancos futuros não evita o acidente: apenas garante que o Brasil continuará parado no acostamento.



MÁRCIO FABIANO
Publicitário

As fogueiras de junho

Junho não é um mês. É uma sentença, uma sina, uma certidão de que sua vida neste planeta tem um atestado de procedência. Em junho, uma região revela ao Brasil o quanto ambos, mês e país, são coisas únicas, com código de barras pessoal e intransferível. Desde o primeiro dia, o sexto mês do calendário abre um portal no Nordeste brasileiro. Portal colorido, festivo, com regras e tradições próprias, junho chega balançando sua força intensa da Bahia ao Maranhão.

Junho é sinônimo de saudade. Ou seria o contrário? Não há um nordestino que não tenha uma lembrança que aquece a memória e acolhe as lágrimas. O pai que compra os fogos, a mãe que alerta sobre os perigos destes, e tem os avós. Ah! Os avós. Em junho, a dupla ancestral transcende e mostra ao mundo que o amor está na fogueira, nas canções, nas roupas novas compradas exclusivamente para aquele mês, na mesa colorida de gostosuras e compensações.

Junho é uma paquera que se concretiza na quadrilha. Mas também pode ser o fim de uma paixão desejada, que se compensa com cachaça e licor. De toda forma, a gente se mexe nesses dias em que dizemos sim a quem te convida para dançar ou para comer amendoim.

Junho é gula, é roupa colorida e mãos juntas seguindo o compasso das danças ou seguindo quem te convidou para sair do terreiro e conversar atrás das barracas.

Mas o mês tão desejado também é polêmico. Na Bahia, uma fogueira arde e lança faíscas num debate acalorado. O Ministério Público decidiu cortar o cachê de artistas muito procurados neste mês festivo. Um deles, considerado o quarto santo padroeiro de junho, é o cantor Flávio José. Cultuado, celebrado e adorador, Flávio viu uma

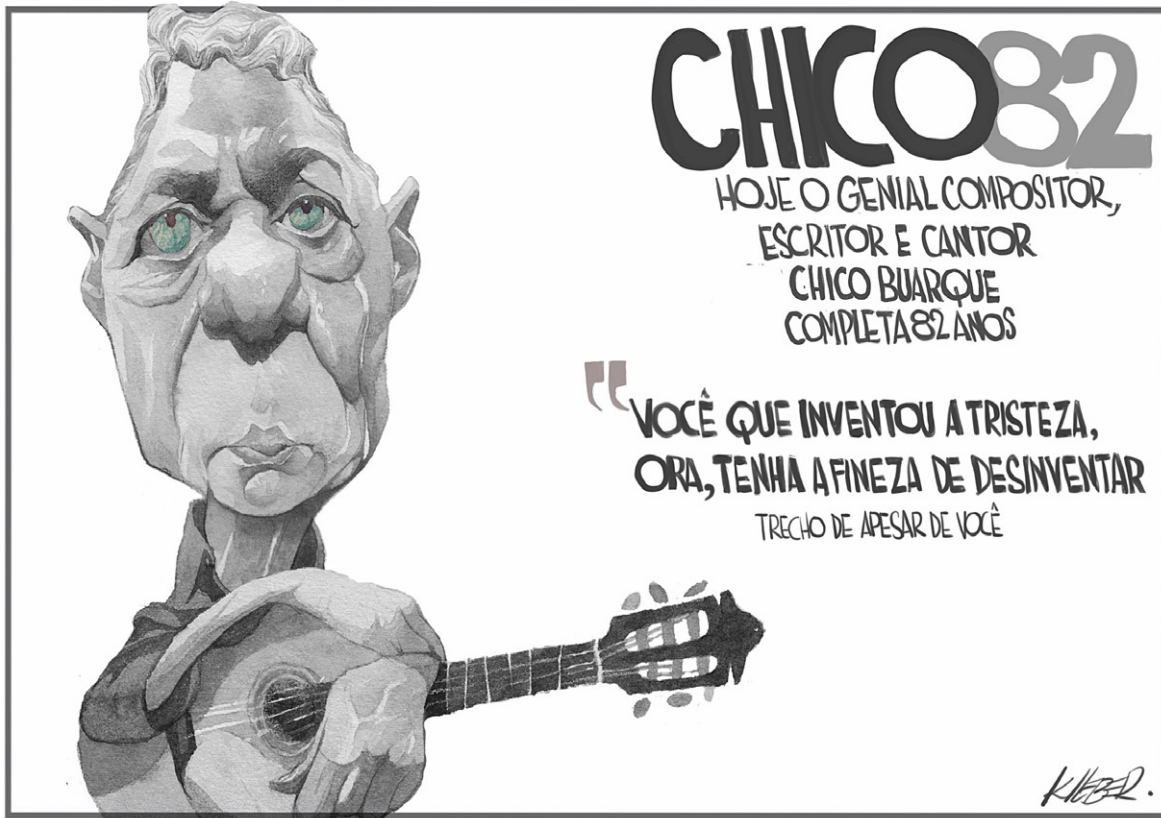
sentença do MP baiano cortar R\$ 100 mil do seu cachê em todos os contratos a serem assinados pelas prefeituras que o convidaram para cantar.

Em nome da transparência das contas públicas, que aliás, eu defendo, o valor a ser pago a esse artista e outros listados, teria que diminuir em prol da sanidade financeira de municípios que mal se sustentam no resto do ano.

O Ministério Público tentou negociar com representantes do cantor o valor das apresentações em festas públicas na Bahia. Pediu que ele diminuísse de 350 para 250 mil o valor de cada apresentação. Flávio respondeu questionando por que artistas sertanejos não tiveram o mesmo corte e aproveitou para cobrar duas apresentações ainda não pagas pelo governo do estado.

Talvez inspirado pelos versos iniciais de sua famosa canção *Tareco e mariola* que dizem: "Eu não preciso de você, o mundo é grande e o destino me espera. Não é você que vai me dar na primavera, as flores lindas que eu sonhei no meu verão..." o sanfoneiro não cedeu.

Abdicou de 15 shows no estado, ou mais de 5 milhões em cachês, colocou a sanfona nas costas e vai cantar seus versos em outros estados nordestinos. O debate continua, o MP-BA alega que fez o certo, os fãs choram a sanfona silenciada, as prefeituras buscam substitutos e a quadrilha perdeu o ritmo. Em sua casa ou cochilando no ônibus que transporta sua banda, eu só imagino Flávio dedilhando sua sanfona e dedicando os versos finais de *Tareco e mariola* ao MP-BA: "Você foi longe me machucando, provocou a minha ira. Só que eu nasci entre o velame e a macambira. Quem é você pra derramar meu mugunzá??"



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Banco Master 1

Se já havia rumores de que governos da Bahia — como o do petista Rui Costa — tinham ligações estranhas com o Banco Master na época da criação do programa Cesta do Povo — que, depois, mudou de nome para CredCesta, focado em crédito consignado e alvo de supostas negociações com políticos locais —, agora, como parte da Operação Compliance Zero, que a PF realizou nesta quinta, com mandados de busca e apreensão em endereços do ex-governador da Bahia, atual senador e líder do PT no Senado, Jaques Wagner, o caso Master atinge diretamente o PT de Lula. No momento em que se aproxima a eleição presidencial, esse escândalo envolvendo o senador Jaques Wagner pode abalar a candidatura de Lula. O cenário lembra o impacto sofrido pela candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), cuja posição foi fragilizada quando a PF constatou uma relação espúria com o dono do Banco Master, Daniel Vorcaro. Flávio, que aparecia empatado tecnicamente com Lula nas pesquisas, agora pontua com 36,8% contra 49,3% do petista em um eventual segundo turno, segundo o levantamento CNT/MDA. Oxalá, esse caso envolvendo Jaques Wagner (PT-BA) também abra caminho para um candidato de terceira via, muito mais comprometido com a nação do que Flávio e Lula.

» **Paulo Panossian**
São Carlos (SP)

Banco Master 2

Continuam surgindo nomes de pessoas citadas nas investigações envolvendo o Banco Master, caso apontado por críticos como uma das maiores fraudes bancárias já registradas no mundo. O mais recente nome mencionado é o do senador Jaques Wagner (PT), importante liderança política da Bahia. A lista de figuras públicas associadas ao episódio, direta ou indiretamente, já é extensa e reúne representantes de diferentes correntes políticas. Entre os nomes citados, estão Flávio Bolsonaro (PL-RJ), Ciro Nogueira (PP-PI), Hugo Motta (Republicanos-PB), Davi Alcolumbre (União-AP), Arthur Lira (PP-AL), Nikolas Ferreira (PL-MG), Jaques Wagner (PT-BA), Cláudio Castro (PL-RJ), Ibaneis Rocha (MDB-DF), Ronaldo Caiado (União-GO), Romeu Zema (Novo-MG) e Wilson Lima (União-AM). Que bom que a Polícia Federal teve sua autonomia restituída. Que as investigações avancem com rigor!

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Resposta às big techs

Depois de anos de violência, golpes, linchamentos virtuais e desinformação, finalmente o país disse às "big techs" que elas não estão acima da lei. Enquanto essas empresas cresceram e obtiveram lucros bilionários, isentas de responsabilidade, o cidadão comum ficou exposto aos criminosos que usam tais plataformas como ferramentas de trabalho. O Supremo Tribunal Federal (STF) falou pela sociedade: "Se vocês operam aqui, respondem aqui!". Se têm endereço e representantes no Brasil, têm também obrigações frente ao nosso arcabouço legal. Chega de se esconderem atrás da sede no exterior.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

No Congresso, são tantos envolvidos no caso Master que o lema é: "Eu sou você amanhã".

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Senadora Damares pede bloqueio de bens de envolvidos no caso Master. De todos e de todas. E afastamento de toda e qualquer função pública. Se ficar, é como gambá no ninho!

Marli Albuquerque — Florianópolis (SC)

Para Lula, aliar-se aos EUA contra a corrupção, no combate ao Primeiro Comando da Capital (PCC) e ao Comando Vermelho (CV), significa o Brasil perder a soberania. Nossa perda de soberania é a polícia não combater a corrupção nas favelas e não resguardar a nossa fronteira.

Humberto Schuwartz Soares — Vila Velha (ES)

Operação mira estrutura financeira da facção Comboio do Cão no DF. E ainda há políticos dizendo que não temos esse problema aqui. Eles estão cercando os poderes da República!

Marcos Fonseca — Asa Sul

Neymar treina pelo segundo dia consecutivo, mas não vai jogar contra o Haiti. Estamos comemorando o treino de um jogador lesionado e sem ritmo. Que fase!

Bruno Sarri — Maringá (PR)

O gol é necessário

O Brasil revela-se como paradoxo vivo — a estagnação é pesada, mas não pode sufocar o sopro do otimismo. Uma das imagens mais representativas do país encontra-se no universo dos esportes, uma dinâmica que tanto nos encanta. No campo lúdico, o desencanto também se apresenta como alegoria que nos imprime. "O futebol de hoje tem certa monotonia de repartição pública. Os jogadores assinam o ponto, cumprem o regulamento, respeitam o senhor diretor, desempenham suas obrigações elementares durante 90 minutos de expediente". Nesta crônica, chamada *Nostalgia*, Paulo Mendes Campos (1922-1991) evidenciou, por meio de uma metáfora esportiva, uma dimensão estrutural da realidade brasileira: a coexistência entre a abundância de talento e a persistência dos obstáculos impostos pela desigualdade.

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anúncios Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br